**Da biopolítica à modulação: psicologia social e algoritmos como agentes da assimilação neoliberal**

**Cínthia Monteiro**

Em “O Nascimento da Biopolitica”, Foucault (1999) não procura encontrar a história do que é verdadeiro ou falso, mas a história da veridição, ou seja, como as verdades nos mecanismos de controle foram construídas e assimiladas pela sociedade. Contudo a biopolítica se diverge do biopoder, uma vez que a primeira representa a construção da outra, ou sua estrutura edificante. A biopolítica representa o discurso que constrói o biopoder, e uma vez solidificado, o bipoder é o que garante uma submissão carregada de legitimidade, ou mesmo o poder de submeter sujeitos, povos, entre outros.(FOUCAULT, 1999).

O poder de vida e morte sai das mãos do soberano e vai para uma espécie de enquadramento nos moldes de sujeito ideal do sistema neoliberal. Os mecanismos de *fazer viver e deixar morrer* ganham uma qualidade técnica de quase “soberania da ciência”, com destaque para correntes positivistas[[1]](#footnote-2). Foucault destaca o racismo de Estado como mecanismo de domínio das populações que deveriam se submeter as populações superiores. É nesse aspecto que a biopolítica se torna um mecanismo científico para enquadrar e submeter os indivíduos. Uma tecnologia disciplinar que não visa somente moldar os corpos, mas os seres humanos enquanto espécie. Políticas segregacionistas, raciais, exclusão de doentes mentais foram centrais no século XIX e XX, onde a ideologia de criação do ser humano perfeito submeteram em nome do progresso social, diversas pessoas em nome de um ideal de sociedade. Foucault utiliza o exemplo de prisões e hospícios como concretização dos ideais de segregação dos indesejáveis.

A medicina tem papel fundamental na construção da biopolítica e do biopoder, pois além do poder de vida e morte, as políticas de submissão popular ao sanitarismo entre outras políticas públicas de intervenção técnica tem forte poder na transformação do ideário social e controle. Trata-se de um ramo científico com propriedades para influir sobre os corpos da população com grande peso de legitimidade, que se exerce sobre vida e morte e não necessariamente o poder do soberano de assassínio. Quando falamos sobre poder de vida e morte, tratamos de deixar viver ou morrer ou do assassínio indireto que consiste em exclusão, exposição ao risco de morte, aumento das chances de determinado grupo social morrer ou a exclusão política, rejeição que encaminha pessoas para a marginalidade (Foucault, 1999). São políticas de controle de natalidade, mortalidade, incapacidades biológicas e a limitação desses indivíduos no âmbito social, com as quais se passa a tratar da “população como problema político, como problema ao mesmo tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder”( 293).A medicina como forte instrumento da biopolítica, desenha o projeto de sucesso e de fracasso que leva as pessoas a se enquadrarem nesse modelo ou serem relegadas a marginalidade. Assim como o liberalismo desenha padrões de sucesso e ideais a serem atingidos, modelos assimilados pelas pessoas como triunfais, bem como papéis adequados de destaque, tanto essas posições almejadas quanto a busca por elas exercem a força do biopoder sobre as pessoas. A submissão a padrões estéticos, de conduta, de consumo e dinâmicas exaustivas de trabalho seguem a premissa de um dia alcançar um determinado papel social e simbólico de sucesso. A obediência como já esclarecido por Foucault (1999) se ampara da promessa de sucesso econômico e ascensão por meio desses sacrifícios. Esclarecer para aqueles que já assimilaram os valores da biopolítica que não vai acontecer o que prega a ideologia, ou que é um sistema insustentável, é uma tarefa árdua, pois os mecanismos de subordinação não são facilmente visíveis ou identificáveis.

Somando-se a esses fatores, uma mudança complexa e de mesma faceta não facilmente observável no sistema de produção de bens de consumo, embora de extrema relevância, é o enfoque no valor do imaterial[[2]](#footnote-3), cuja importância cada vez mais se sobressai ao da produção em valor numérico (Gorz, 2005). Segundo André Gorz, é fundamental para a compreensão da economia moderna e composição técnica do capital entender o sistema de produção e a dimensão imaterial dos produtos. O valor dos bens de consumo na atual economia global está cada vez mais subordinado a fatores e bens imateriais, ou seja, não se relaciona a utilidade, valor de produção, números de produção, mas a uma construção identitária relacionada aos itens de consumo.

Tendo isso em vista, a análise da “composição técnica do capital” é fundamental para a compreensão dos mecanismos de condicionamento, uma vez que esse implica diretamente no entendimento da composição técnica dos sistemas de trabalho, determinando quem produz, o que produz e como produz na economia global atual (Hardt e Negri, 2009). A exploração do trabalho desenvolve uma nova faceta quando além de gerar riqueza através da força de produção do trabalho, também relaciona seus “produtos” com a identidade do trabalhador, incluindo uma dinâmica de exploração biopolítica do trabalho.

A junção da biopolítica com os valores imateriais de produção insere outra questão a ser analisada, uma vez que aborda um novo tipo de padrão na sociedade, naturalizando um arquétipo de características que os indivíduos devem ter relacionadas a ideais de valores pertencentes a essa nova dinâmica do capitalismo (Hardt e Negri , 2009). Essa análise se assemelha a perspectiva marxista de consumo fetichista[[3]](#footnote-4), somente em partes, pois os produtos da biopolítica excedem essa corrente de pensamento sobre a produção de bens materiais. A nova dinâmica de valoração transpõe a mensuração quantitativa econômica por sua característica de subjetividade, visto que o valor do imaterial está ligado a fatores de construção ideológica nos próprios atores inseridos nesse novo modelo de exploração.

O processo de acumulação capitalista se deve cada vez menos a exploração da força de trabalho e produção, é mais externa a esses processos e cada vez mais orgânica do ponto de vista do contexto biopolítico e imaterial, se utilizando de formas subjetivas de exploração, tornando menos visível a luta de classes, uma vez que constrói novos perfis de identidade a serem almejados pela classe trabalhadora (Hardt e Negri , 2009).

Para além de itens de consumo, identidade relacionada ao consumo, é criado um novo modelo de indivíduo na sociedade capitalista, uma espécie reformulada de *“Self made man[[4]](#footnote-5)”,* que não depende nem mesmo de salário, é um “empresário da sua força de trabalho” que providencia seu próprio status, através da sua formação, busca por conhecimento, empreendedorismo, chamado por André Gorz de “Eu S/A”.

A interpretação de Giles Deleuze (1992) sobre os novos mecanismos de poder indica que o indivíduo por mais que seja submetido a esses mecanismos, o cobiça, pois quer ter domínio daquilo que o controla, constrói sua identidade relacionada ao imaterial e deseja consumir o que o identifica dentro do âmbito social. O controle é feito por meio da normalização, da naturalização desses mecanismos de poder, ao passo que modela a existência de cada indivíduo e os processos de subjetivação. A diminuição dos aparelhos repressivos de Estado, se deve ao aumento de direcionamento das vontades individuais para satisfazer os desejos e prazeres dos indivíduos (Foucault, 1997).

Para construir o poder disciplinar, os indivíduos não são destruídos, mas sim fabricados. Segundo Foucault, o capitalismo não se sustentaria com base apenas na imposição e repressão. Os valores, o conhecimento, são produtores de individualidades que naturalizam o poder nas intenções e desejos dos indivíduos.

A verdade é deste mundo; Ela é produzida nele graças às múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados d poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade , sua “política geral” de verdade (Foucault1997,pg.12).

O poder disciplinar toma novo formato e estruturas no neoliberalismo. A legitimidade científica que sustenta a força do biopoder se transmuta em algo menos notável e mais poderoso justamente por esse motivo.

Para Deleuze, a submissão aos mecanismos disciplinares, ainda que fossem legitimados pela ciência, não se deu de maneira passiva ou pacífica, como diversos eventos históricos apontam e a exemplo da revolta da vacina no Brasil e as diversas manifestações e protestos contra leis de segregação racial nos Estados Unidos. Por esse motivo, fez-se a transmutação do biopoder para algo muito mais intrínseco do que a imposição respaldada pela legitimidade científica, ou seja, para algo dotado de “poderes” psicológicos de manipulação e assimilação. André Gorz aponta os valores imateriais dos produtos na lógica neoliberal de consumo capitalista, uma vez que os indivíduos criam identidades junto àquilo que consomem, enquanto Deleuze destaca o mesmo acontecendo com os mecanismos de controle. A psicologia, assim como fora para a medicina, a história, entre outras ciências, passa a ter papel central na edificação das identidades submissas à lógica neoliberal.

Porquanto, o biopoder criou um padrão do que era “normal” e o que precisava ser enquadrado na “normalidade”, a psicologia social e a psiquiatria adquirem um novo papel de controle social que enquadra todos e seus diversos modos de existência. A pós-modernidade cria diferentes modos de existência, subjetividades singulares, e a diversidade de maneira geral, logo o controle pela maneira opressiva de padronização e enquadramento não faz mais sentido. Para Deleuze e Guatarri (1972), os novos mecanismos de controle não operam mais na lógica binária de opressor/oprimido, mas agem de maneira quase invisível e molecular embrenhando-se no meio social. As patologias tomam o cotidiano de todos, o stress, a insônia, a depressão e os conflitos fazem parte da vida de todos e ao mesmo tempo que todos são “normais”, todos precisam do tratamento, o que torna a intervenção psicossocial difícil de ser notada e identificada.

É difícil identificar o ponto de incidência do poder a ser combatido, uma vez que esse é assimilado e dissipado no meio das interações e vida social, se esvanecendo entre as inúmeras experiências cotidianas (Rauter e de Castro Peixoto,2009). A modulação é, portanto, esse mecanismo que sujeita os indivíduos sem necessariamente utilizar da sujeição física e normativa do corpo vistas no biopoder descrito por Foucault. O Panoptismo é assimilado pelos próprios indivíduos, de maneira que esses fazem seu autocontrole dentro das normas difundidas nas subjetividades (Rauter e de Castro Peixoto,2009). O ideal de indivíduo bem-sucedido em uma sociedade produtiva é difundido por esses mecanismos e assimilado como projeto a ser alcançado ou se enquadrar dentro do mesmo, levando esse mecanismo de controle a níveis de sincronicidade com o modelo liberal que dispensa a vigilância. O sistema de produção capitalista passa a ser produtor de subjetividades por meio do que Deleuze e Guatarri chamam de *axiomática do capital[[5]](#footnote-6)*. A essa axiomática se confere a naturalização de lógicas capitalistas que não mais precisam ser impostas, pois são incontestáveis e o “caminho certo” para a obtenção de capital e construção das individualidades. A meta de se enquadrar de cada indivíduo é a própria vigilância.

O filósofo da tecnologia Yuk Hui (2015) trabalha as obras de Giles Deleuze e Gilbert Simondon para explicar o processo de modulação e a transmutação da sociedade disciplinar para uma espécie de controle essencial, em que o indivíduo assimila o controle como parte da sua identidade. Segundo o autor, a sujeição dos corpos seria uma espécie de “moldação”, em que se imprime forçosamente a correção. Já a modulação de Deleuze consiste na mudança da imposição para autorregulação dos indivíduos. É possível, portanto, observar a passagem para uma nova forma de operação que não mais consiste em restrição física e enclausuramento. É um controle não explícito que não se impõe com violência ou força nos indivíduos. Se a moldação era um “entalhe” físico da forma humana no modelo de perfeição, a modulação transforma os indivíduos em um molde autodeformável que pode ser continuamente modificado de acordo com as demandas mercadológicas e sociais (Yuk Hui, 2015). O controle por modulação por ser não ser explicito faz com que o indivíduo não enxergue a lógica capitalista que está seguindo e tome por verdade algo que não é real, como a autonomia do suposto autoempreendedorismo, em que a precarização do trabalho recebe uma “glamourização” neoliberal e um vendedor de hot-dog torna-se um microempresário e seu carrinho é transformado em um food-truck. O controle por modulação dá ao trabalhador uma suposta liberdade de gerenciar sua vida e seu tempo, que na realidade não existe (Philipe Zarifian apud Yuk Hui, 2015). Tanto no trabalho formal quanto no informal, a ideia de *“trabalhe quando quiser”,* *“horas flexíveis”,* mascaram trabalhos intermináveis daquele que deseja ser um vencedor nesse sistema, daqueles que *“vestem a camisa”* e saem da *“zona de conforto”*. Uma recente analogia foi feita em um vídeo[[6]](#footnote-7) do Youtube, em que uma *“Coach”,* incentivadora do autoempreendedorismo relata como os judeus foram parar em campos de concentração por não saírem da tal zona de conforto. O vídeo foi imensamente criticado, com toda a razão, mas sem a devida crítica sobre o termo *“zona de conforto”*, que até poderia ser relacionada com a subserviência, mas está presente na modulação e é inerente ao sistema neoliberal. Substituindo é claro o *“trabalhe* *quando quiser”* por *“trabalhe o tempo todo”*.

A análise de Simondon é acrescida e, muitas vezes, utilizada pelo próprio Deleuze para corroborar o processo operativo da modulação. Se tornar para os autores não deveria ser diferente de ser, já que a modulação é um processo contínuo de construção e justamente moldável de individuação (Yuk Hui, 2015). A modulação é uma moldagem definitiva, porém ajustável as mutáveis demandas do neoliberalismo.

Simondon (apud Yuk Hui, 2015) compara a modulação na psicologia social aos sistemas tecnológicos que originaram o termo. A modulação para o autor é tal qual um sistema de amplificação eletrônico, embora a definição de amplificação seja transportada para os sistemas sociais. Ainda que a falta de regulações rígidas ocasione uma aparente liberdade de ação, os movimentos são antecipados por sistemas regulatórios, e mesmo os atos livres são modulados de uma maneira quase autorregulatória (Yuk Huy, 2015). Dentro desse sistema regulatório existem etapas que concentram os mecanismos de modulação, e consistem primeiramente em um reconhecimento e entendimento de padrões reproduzidos em um grupo social, posteriormente a esse reconhecimento e por meio desse, a antecipação de atividades é possibilitada. Ou seja, uma vez sumarizados os padrões de comportamento, é possível tê-los registrados e dessa forma antever a reação de um grupo ou sociedade. Por fim, a transferência dessa responsabilidade de autorregulação para os indivíduos inseridos nesse sistema, que consiste nos ideais de autoempreendedorismo, sucesso no neoliberalismo (David Savat, apud Yuk Hui, pg.84, 2015).

A repercussão da modulação não atua somente por meio da amplificação modulativa descrita por Simondon, tampouco ecoa apenas por meio das redes, mas as etapas do processo de modulação citadas acima se reproduzem e trabalham suportadas por uma série de aparatos que o reconectam com sua origem tecnológica. Os padrões de reconhecimento e antecipação de atividades dos usuários são ferramentas de uma espécie de “behaviorismo de dados”, sendo seus instrumentos a digitização[[7]](#footnote-8) que toma conta dos mais diversos tipos de instituições, tornando a operação de controle de dados por meio de algorítmos[[8]](#footnote-9) uma das formas centrais para se obter informações por governos e demais estruturas sociais e governamentais (Yuk Hui, 2015).

Assim, padrões de comportamento são desenhados, monitorados e registrados para serem utilizados na influência e interferência social. Esses dados coletados servem como mecanismo de fragmentação das subjetividades ou como destacado por Antoinette Rouvroy (apud Yuk Hui, pg.85, 2015) para processo de desubjetificação, em que o objeto é fragmentado não podendo assim, manter uma identidade individual coerente. Esse processo é característico do modo neoliberal de ação e atinge em larga escala as interações sociais. Portanto o neoliberalismo utiliza desses mecanismos para produzir *hipersujeitos* capazes de encaminhar o projeto de indivíduo de sucesso, que busca e cria as próprias oportunidades, criador de si mesmo, apaixonado pela lógica neoliberal de autoempreendedorismo, autocontrole e autoavaliação. A modulação se expressa tanto nos níveis de assimilação e autorregulação como nos mecanismos que garantem sua perpetuação, ou seja, indicando mudanças nos padrões sociais que permitem os novos ajustes e interpretações.

A lógica dos algoritmos, do calculável dentro da psicologia social, é uma maneira de dominar a mente através de valores numéricos e padrões. Tornar material aquilo que está interiorizado nos indivíduos, o invisível em visível através de números e resultados quantitativos. A partir disso se desenham projetos para administrar os indivíduos através de esquematizações, separação por aptidões e capacidades psicológicas. Sujeitar à mesma lógica capitalista, distribuir pessoas em diversos papéis sociais de acordo com a meritocracia[[9]](#footnote-10), dentro das mesmas distinções de classe e papéis disponíveis no mercado. É nesse espaço que entram as noções de liberdade individual, enquanto as práticas de enquadramento procuram silenciosamente moldar, transformar, classificar e reformar os indivíduos (Nikolas Rose, 2008).

Instrumentos como Facebook, entre outros websites, são capazes de armazenar dados sobre seus usuários além de coletar e mapear dados com uma finalidade específica. O *Machine learning[[10]](#footnote-11)* é o método capaz de identificar, padronizar e fazer julgamentos de personalidade com base, por exemplo, nas curtidas que uma publicação ou página receber no *Facebook.* Segundo os autores Kosinsky,Stillwell e Youyoua (2014), essas são as pegadas mais genéricas e facilmente rastreáveis da internet, outras mais complexas e de maior capacidade para identificar e qualificar indivíduos são amplamente utilizadas. Outro exemplo mais complexo do *machine learning* são as redes de influência que um indivíduo pode ter de acordo com o número de amigos, curtidas de amigos em uma determinada postagem e compartilhamentos. Esses julgamentos são utilizados de modo a descrever e traçar um perfil do usuário do *Facebook*, e servem como validação através desses amigos e seu nível de influência. Essas pegadas digitais são, segundo Matza, Navec, Kosinsky e Stillwell (2017), amplamente utilizadas e capitalizadas, uma vez que traçam um perfil psicológico de seus usuários. O Facebook restringiu recentemente uma página que traçava perfis psicológicos de seus usuários, ainda que esses se submetessem aos testes voluntariamente, não possuíam consciência de como seus perfis estavam sendo utilizados. Contudo, o mesmo perfil pode ser traçado e capitalizado com as curtidas e os perfis de influência.

Curtir páginas e postagens com um perfil mais introvertido traça um perfil de introversão assim como um perfil de extroversão pode ser revelado de forma contrária, e essa informação pode ser útil a quem deseja estimular esses perfis a consumir algo ou seguir um padrão, usando abordagens apropriadas para cada perfil. É um método de modulação que permite abordagens diferentes traçando múltiplos perfis efetivando o uso da psicologia social em larga escala que convergem em um mesmo contexto de persuasão em massa (Matza,Navec,Kosinsky e Stillwell, 2017). Portanto, sendo possível classificar pessoas através de suas pegadas digitais, é igualmente possível manipula-las através desse instrumento. É um algoritmo que certamente requer uma constante adaptação às mudanças nos padrões digitais para manter sua precisão, mas sem dúvida muito eficaz.

Matza, Navec, Kosinsky e Stillwell (2014) apontam ainda que o acesso a websites, testes do Facebook podem ser utilizados para inferir perfis psicológicos, dividir usuários em segmentos desenhando perfis de personalidade e mesmo de consumo. O autor ainda cita cinco traços mensuráveis por websites:

* Abertura a experiências;
* Consciência;
* Extroversão;
* Concordância ou agradabilidade;
* Neuroticismo;

Esses perfis psicológicos podem ser muito úteis ao categorizar usuários de websites, de maneira que o controle atinge diretamente características pessoais dos indivíduos e ajudam a criar elos de identidade com o mecanismo de modulação. Se for possível se reconhecer no mecanismo, mais fácil é a assimilação desses pelos indivíduos.

A perfilação assume características ainda mais preocupantes quando utiliza recursos de fisionomia para a sua categorização. Um estudo que já foi muito utilizado em criminologia para “prevenção” de possíveis condutas criminosas, hoje é considerado quase como superstição e até mesmo racismo. Contudo, Kosinsky e Wang (2017) apontam para recentes progressos em inteligência artificial e visão computadorizada que estão sendo direcionadas para a adoção de *Deep Neural Networks[[11]](#footnote-12)* ou *DNN*. As *DNN,* são como um grande cérebro capazes de criar e estabelecer padrões de reconhecimento por meio de imagens. Superam de longe o reconhecimento humano podendo detectar expressões faciais, padronizar e classificar características, podendo até mesmo detectar câncer de pele.

Uma discussão recente nos jornais[[12]](#footnote-13) abordou o tema com preocupação, posto que o Metrô de São Paulo foi criticado por captar expressões faciais para direcionar a publicidade veiculada no trem de acordo com o perfil dos passageiros. Uma ação civil pública cobra que o metrô encerre a coleta e armazenamento de dados dos usuários. Todavia, para Kosinsky eWang (2017) a questão vai além e suas pesquisas revelam ser possível identificar características que podem tornar seus detentores alvos de perseguição e estigmatização. A pesquisa concluiu ser possível identificar através de traços faciais a sexualidade de gays homens e mulheres. Segundo o autor, não se trata de estereotipar os pesquisados, mas de encontrar elementos que caracterizam a homossexualidade como genética e que podem estar em características físicas, como um queixo mais delicado para homens.

Essa tipificação algorítmica guarda um perigo imenso para os homossexuais, uma vez que governos já utilizam ferramentas faciais de coleta de informações para fazer previsões. É um perigo para todos os indivíduos que podem cair em uma categorização e serem destinados a perfis constantemente atingidos por perseguições, abusos físicos e psicológicos de todo tipo. Kosinsky e Wang(2017) destacam que o exemplo dos homossexuais pode ser novamente direcionado a toda uma tipificação fenotípica marginalizadora e que mesmo perfis de criminosos, pedófilos e terroristas estão sendo traçados.

A eficácia dessa perfilação tem um caráter perigoso justamente por cada vez mais categorizar as pessoas, padronizá-las e apresentar características de infalibilidade. Os perfis categorizados são todos moduláveis e a modulação de difícil percepção por aqueles que estão inseridos nessa dinâmica. A contestação dos sistemas de controle é cada vez mais rara visto que, de uma maneira ou de outra, os indivíduos se identificam e são partes desse sistema. Se autorregulam e objetivam ser um modelo de sucesso pessoal e poder dentro dessa dinâmica. O sucesso de um e o fracasso do outro é previsto e é justamente essa inferiorização que move os indivíduos em busca de resultados, sendo o sujeito da modulação vítima e amplificador de seus mecanismos.

**Bibliografia**

BACHRACH, Yoram. GRAEPEL, Thore. KOHLI, Pushmeet. KOSINSKI, Michal. STILLWELL, David. **Manifestations of user personality in website choice and behaviour on online social networks***.* Mach Learn (2014) 95:357–380.

CORMEN,T.H., LEISERSON, C.E., RIVEST, R.L., STEIN, C., **Introduction to Algorithms,** 3rd edition, MIT Press, 2009. Rivest, C. Stein, [Introduction to Algorithms](http://mitpress.mit.edu/books/introduction-algorithms), 3rd edition, MIT Press, 2009 DELEUZE, Giles. **CONVERSAÇÕES**coleção TRANS. Tradução Peter Pál Pelbart 1972/1990. São Paulo Ed. 34.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia,** Vol. 5. São Paulo: 34, 1997 (1980).

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo.** São Paulo: 34, 2010 (1972).

DELEUZE, Giles. **Postscript on the society of control.** October, Vol. 59. (Winter, 1992), pp. 3-7.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da Biopolítica.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GORZ, André. **O Imaterial:Conhecimento, Valor e Capital**.São Paulo, Editora Annablume, 2005.

HUI, Yuk. **Modulation after Control. New formations: a journal of culture/theory/politics**, Volume 84-85, 2015. pp. 74-91 (Article). Published by Lawrence & Wishart.

KOSINSKY, Michal. STILLWELL, David. YOUYOUA, Wu**. Computer-based personality judgments are more accurate than those made by humans.**Department of Psychology, University of Cambridge, Cambridge CB2 3EB, United Kingdom; Department of Computer Science, Stanford University, Stanford, CA 94305. Edited by David Funder, University of California, Riverside, CA, and accepted by the Editorial Board December 2, 2014 (received for review September28, 2014)

KOSINSKI, Michal. WANG, Yilun. **Deep neural networks are more accurate than humans at detecting sexual orientation from facial images***.* Graduate School of Business, Stanford University, Stanford, CA94305, USA. ©American Psychological Association, 2017.

LARIVIÈRE, Jason. **Logic of digital worlds. Yuk Hui, on the existence of digital objects.** University of Minnesota Press, 2016. Parrhesia 27 • 2017 • 129-135

MATZA, S.C. NAVEC, G. KOSINSKY, M. STILLWELL, D.J. **Psychological targeting as an effective approach to digital mass persuasion.** Columbia Business School, Columbia University, New York City, NY 10027; Graduate School of Business, Stanford University, Stanford, CA 94305; Wharton School of Business, University of Pennsylvania, Philadelphia, PA 19104; Cambridge Judge Business School, University of Cambridge, Cambridge, CB2 3EB, United Kingdom. Edited by Susan T. Fiske, Princeton University, Princeton, NJ, and approved October 17, 2017 (received for review June 17, 2017).

MARX, Karl. **O Capital**, Livro I, volume I. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael.**Bem-estar comum**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

RAUTER, Cristina. DE CASTRO PEIXOTO, Paulo de Tarso. **Psiquiatria, Saúde Mental e Biopoder: Vida, Controle e Modulação no Contemporâneo.** Psicologia em Estudo, vol. 14, núm. 2, abril-junho, 2009, pp. 267-275. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, Brasil.

ROSE, Nikolas. **Psicologia como uma Ciência Social.** Psicologia & Sociedade, vol. 20, núm. 2, mayo-agosto, 2008, pp. 155-164. Associação Brasileira de Psicologia Social. Minas Gerais, Brasil.

SIMONDON, Gilbert. **L’individuation à la lumière des notion de forme et d’information.**Editions Jérôme Millon, Paris 2005, p91. Hereafter ILFI.

TRAVERSO-YÉPEZ, Martha. **Os discursos e a dimensão simbólica: uma forma de abordagem à Psicologia Social.**Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Estudos de Psicologia 1999, 4(1), 39-59.

TRINDADE, Hélgio (org.). **O Positivismo: teoria e prática**. 3ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2007.UHNG HUR, Domenico. **Da biopolítica à noopolítica: Contribuições de Deleuze.** LUGAR COMUM No40, pp. 201-215.

Ward, John William. **"Review of "The Self-Made Man in America: The Myth of Rags to Riches"** (1954)". Journal of American History. 42 (2).

1. Positivismo: Corrente filosófica francesa que surgiu no começo do século XIX. O principal idealizador do positivismo foi o filósofo Augusto Comte (TRINDADE, 2007) [↑](#footnote-ref-2)
2. Imaterial: valor imaterial corresponde ao valor de troca, relacionado ao valor que não pode ser quantificável por itens ou quantidade de trabalho empregado, uma vez que diz respeito à construção de identidades, projeções de personalidade(GORZ, 2005). [↑](#footnote-ref-3)
3. Fetichismo: é a percepção das relações sociais envolvidas na produção, não como relações entre as pessoas, mas como as relações econômicas entre o dinheiro e as commodities negociadas no mercado (MARX, 1988). [↑](#footnote-ref-4)
4. Self made man: A expressão americana *Self Made Man*, expressão máxima do capitalismo moderno, corresponde ao homem que conseguiu sucesso por si mesmo, por seus próprios esforços e sua própria dedicação, traduzindo para o português, seria aquele homem que “se fez”. Através dela é defendido o enriquecimento do homem moderno, e através dela se estrutura toda a sociedade atual(Ward, 1954). [↑](#footnote-ref-5)
5. Axiomática do Capital: capitalismo não opera por códigos, mas por um sistema de codificação e sobrecodificação das condutas (DeleuzeeGuatarri, 1972/2010 apud Uhng Hur, 2012). [↑](#footnote-ref-6)
6. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8EdjPneDOps>. Acesso em: setembro de 2018. [↑](#footnote-ref-7)
7. Digitização: transformação de processos e ferramentas, documentos e recursos para a forma digital da informática (LARIVIÈRE, 2016). [↑](#footnote-ref-8)
8. Algorítmos: conjunto das regras e procedimentos lógicos perfeitamente definidos que levam à solução de um problema em um número finito de etapas (CORMEN,T.H., LEISERSON, C.E., RIVEST, R.L., STEIN, C. 2009) [↑](#footnote-ref-9)
9. Meritocracia: consiste em um neologismo cunhado pelo sociólogo britânico Michael Young nos anos 1950. Estabelece uma ligação direta entre mérito e poder. Pode ser entendida como um princípio de justiça, às vezes qualificado como utópico; mas pode também ser considerada como um instrumento ideológico que permite legitimar a desigualdade dentro de um sistema político. [↑](#footnote-ref-10)
10. Machine Learning: um “aprendizado de máquina” que consiste em reconhecimento de padrões de dados e informações, captados por computadores e utilizados em inteligência artificial (Kosinsky,Stillwell e Youyoua , 2014) [↑](#footnote-ref-11)
11. Redes neurais profundas (Tradução do texto de Kosinsky e Wang, 2017). [↑](#footnote-ref-12)
12. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/cameras-que-interpretam-expressoes-faciais-causam-polemica-no-metro-de-sao-paulo-23027799>. Acesso em setembro de 2018. [↑](#footnote-ref-13)